

O LIVRO DIDÁTICO E O APRENDIZADO DA LEITURA

THE TEXT BOOK AND READING LEARNING

Josiane Martins Barrim*

Miguel Fecchio**

BARRIM, J. M.; FECCHIO, M. O livro didático e o aprendizado da leitura. **Akropolis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 45-48, jan./jun. 2007.

RESUMO: Para facilitar o aprendizado da leitura e da escrita, historicamente a escola tem se valido de um material de apoio muito importante: o livro didático. A polêmica sobre a importância e a eficiência desse material entre os professores e estudiosos da área tem provocado contínuas discussões, principalmente em busca de seu aperfeiçoamento. Este trabalho visa a apresentar um levantamento bibliográfico sobre o livro didático utilizado em escolas públicas de ensino médio de Cianorte e focalizar, principalmente, como se apresenta a gramática em seu contexto. Apresenta uma visão geral do livro Português: Língua e Cultura, do autor Carlos Alberto Faraco, da Editora BASE, 1ª edição, 2005, com um pouco mais de atenção para o item gramática. Discute a maneira como ela está inserida, como trata a questão das normas, como é apresentada para que o aluno a entenda e interiorize. Quais as inovações, quais as vantagens e desvantagens para os professores e os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Professor. Livro didático. Gramática. Material de apoio.

*Acadêmica do curso de Letras da Universidade Paranaense - campus Cianorte.

**Docente do curso de Letras da Universidade Paranaense - Doutor em Educação. Orientador. miguel@unipar.br

ABSTRACT: Historically, schools have been using an important support material in order to facilitate reading and writing learning: The text book. The controversy regarding the importance and efficiency of such material among teachers and scholars resulted in ongoing discussions, mainly for its improvement. This article presents a bibliographical survey on the text book used in secondary public schools in Cianorte, as well as focus on, most of all, how grammar is presented in its context. It presents a general overview of the book Portuguese: *Língua e Cultura*, by Carlos Alberto Faraco, BASE, 1.ª edition, 2005; with a little more attention to the item, grammar. It discusses how it is inserted, how norm is approached, how it is presented so that students learn and interiorize. What the innovations, advantages, and disadvantages there are for teachers and students.

KEYWORDS: School. Teacher. Text book. Grammar. Support material.

Recebido em junho/2007
Aceito em julho/2007

INTRODUÇÃO

O sistema educacional está organizado com a finalidade de formar cidadãos participativos, livres, competentes e capazes de interagir nas mais diferentes situações no meio em que vive. A escola é um ambiente considerado privilegiado para que isso se realize e tem procurado desempenhar sua função de orientadora, educadora, supervisora, instrutora, enfim, formadora de homens e mulheres capazes de atuarem na sociedade de forma participativa e crítica.

No campo da leitura, no entanto, o sucesso não tem sido o esperado. Há muito o que mudar. O momento exige do leitor competência para lidar com diferentes tipos de situações de leitura, porque as tipologias textuais hoje são muito diversificadas. A rápida evolução ocorrida, especialmente nas últimas décadas, em todas as áreas, implica necessariamente um novo modo de entender o mundo, de comunicar-se, de interagir.

Ensinar a ler e escrever, historicamente, é um dever da escola. Sem fugir à obrigação de cumprir seu dever, os professores têm feito todos os esforços para o sucesso da aprendizagem.

A prática constante de leitura é fator importante para a aquisição de conhecimentos e para o domínio da comunicação. O aluno aprende à medida que o ambiente seja favorável para que o aprendizado ocorra.

Questões como a falta de ambientes, de materiais de boa qualidade, de projetos, de investimentos para atualização de acervos das bibliotecas, bem como a falta do livro didático, têm sido fatos considerados importantes na discussão, quando se pretende explicar o pouco sucesso dos alunos.

Neste trabalho pretende-se apenas manter em evidência a discussão sobre o livro didático utilizado em escolas públicas de ensino médio de Cianorte.

DESENVOLVIMENTO

Convém iniciarmos esta reflexão com um questionamento: O que é letramento?

Esta palavra identifica uma nova situação de leitura exigida pela sociedade, que vai muito além de uma simples decifração do código chamado alfabeto, e com ele construir palavras, frases. É, como diz Magda Soares, um “estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 2000, p. 44).

Nos dias atuais, não basta ser alfabetizado,

ser apenas capaz de ler e escrever, o cidadão precisa muito mais do que isso, para seu sucesso, e a escola precisa avançar, precisa “ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 2000, p. 47). Precisa oferecer oportunidade de alfabetização e letramento. O aluno precisa, de uma só vez, aprender a ler, escrever, interpretar, utilizar-se de toda uma gama de conhecimentos e competências para sua interação social.

Segundo Luiz Carlos Cagliari, “A escrita é um fato social” e “quem inventou a escrita foi a leitura”. (Cagliari, 1998, p. 13). Desde os tempos das cavernas, o homem desenhava nas paredes, representando as pessoas, os animais, os objetos e cenas do dia-a-dia, o que gerou o surgimento da escrita. Porém, uma questão que está diretamente ligada à atividade de comunicação é a interpretação. De nada valeria aos primitivos terem impresso as imagens, se no futuro não fossem interpretadas. Assim, a evolução da escrita e da leitura vai apresentando os dois processos, simultaneamente.

Na Antiguidade, muitos utilizavam o dom da palavra para seduzir o povo, portanto, ensinava-se apenas como falar corretamente. Com a evolução, as pessoas alfabetizavam-se através de leituras seguidas de cópias. “O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização” (Cagliari, 1998, p. 15).

Com o aparecimento da imprensa, aumentou-se a preocupação com a alfabetização. Surgiram as primeiras cartilhas e a alfabetização foi introduzida como matéria escolar.

Até os anos 50, era muito alto o índice de reprovações na primeira série. A culpa estaria nos materiais? Nos professores? No sistema educacional? Como não houvesse uma resposta única, nos anos 80 foi criado o ciclo básico de educação, não reprovando na primeira série.

Ainda por conta dessa preocupação, surgiram vários “pacotes educacionais” (Cagliari, 1998, p. 33), causando aversões nos professores porque, depois de testados, não obtinham o resultado esperado. Isso, muitas vezes ocorria pela própria falta de interesse do professor em estudá-los o suficiente para poder colocá-los em prática, ou mesmo, pela própria falta de formação do professor, que não permitia que ele acompanhasse essas mudanças.

Cagliari cita que, se houvesse uma formação adequada para o professor, a realidade do país, em relação à alfabetização, seria outra, pois “nenhum método educacional garante bons resultados sempre e em qualquer lugar; isso só se obtém com a competência do professor” (Cagliari, 1998, p. 34).

Para Kaufman, a aprendizagem “não consiste em uma alegre soma de conhecimentos, mas de

complexas reestruturações, e só pode ocorrer a partir de situações problemáticas que devem ser resolvidas” (Kaufman, 1989, p. 85, citado por Perez e Garcia, 2001, p. 85); portanto, a escola necessita reorganizar-se, dando ênfase, principalmente, em relação ao livro didático adotado, para que possa cumprir com seu dever.

O livro didático como representante do recurso didático primordial utilizado por professores e alunos, precisa conter procedimentos, informações e conceitos referentes às áreas de conhecimento a que se vinculam e ser apropriados à situação didático-pedagógica, contribuindo para a construção da ética necessária ao convívio social democrático.

Mas, muitas vezes, não é isso o que ocorre. Alguns desses livros são autoritários, contendo exercícios com respostas padronizadas, conceitos não discutíveis, não permitindo debates entre alunos e professores, contendo várias ilustrações que desviam a atenção do seu conteúdo, não possuindo métodos adequados para expor a matéria, diluindo fontes de conhecimentos, simplificando-as para melhor compreensão do aluno e reforçando a aprendizagem centrada na memorização.

O livro didático, hoje, tem o papel de transferir conhecimentos orais à linguagem escrita, e de ser um instrumento pedagógico possibilitando o processo de intelectualização e contribuindo para a formação social e política do indivíduo, informando, instruindo, divertindo e preparando o aluno para ser cidadão e para permitir sua valorização crítica.

O professor deve ter o livro didático como uma ferramenta que complementa seus conhecimentos, aumentando sua cultura e sendo um instrumento de atualização, pois constantemente são introduzidos novos dados, possibilitando acompanhar a evolução das idéias e dos conceitos. Mas, muitas vezes, o livro didático acaba sendo a única fonte e meio de informação de que o professor dispõe. Assim, os conteúdos e métodos adotados por ele seguem a mesma linha que os propostos pelo livro. Um dos fatores que pode ocorrer é a falta de preparo dos professores por não possuírem, muitos deles, formação continuada ou pela praticidade do livro didático, ou seja, por já trazer tudo pronto, o aluno apenas precisa abri-lo na página indicada e resolver os exercícios.

Os livros que trazem exercícios visando à mecanização do conteúdo não levam a criança ou o jovem a descobrir algo a mais, já que os exercícios apenas trazem respostas fechadas, sem possibilitar debates. Ele é um eficiente recurso de aprendizagem na escola, quando se faz a escolha e a utilização adequadas.

Sabendo-se que a aprendizagem é feita através da compreensão e que é através da interação entre alunos e professor que o raciocínio é desenvolvido e estimulado, buscando soluções apropriadas aos problemas levantados, cabe ao professor usar o livro didático como qualquer outro recurso, apenas como um apoio, sabendo explorá-lo conforme os objetivos que deseja alcançar, enfatizando seus pontos fortes, bem como deve estar informado, o bastante, para realizar os exercícios satisfatoriamente.

Não se pode ignorar que há uma visível melhora na elaboração e na seleção dos livros didáticos, já que oferecem grande variedade de tipos de textos, dando oportunidade para expandir a experiência do aluno como leitor. Pode-se notar também grande número de propostas para que o aluno se torne mais seguro e confiante ao produzir textos orais e escritos, o que contribui bastante para a formação de pessoas mais críticas.

A integração de atividades antes trabalhadas isoladamente com títulos de gramática, literatura e redação, agora estão compondo um todo, de maneira contextualizada. Esse modo de apresentação de conteúdos certamente causa menos trauma aos alunos porque propicia estudar a língua sem o compromisso de decorar conceitos.

Para muitos professores, acostumados a trabalhar os conteúdos em blocos separados como se fossem disciplinas distintas, o novo material causa estranheza. E essa estranheza é justificada, já que sua formação e sua prática sempre foram realizadas de maneira diferente.

CONCLUSÃO

Com a análise do livro didático, pode-se chegar à conclusão de que não são perfeitos. Portanto é tarefa do professor estudá-lo, analisá-lo e avaliá-lo para absorver o que cada um tem de melhor e preparar sua aula, beneficiando o aluno e auxiliando a formação de leitores competentes e cidadãos críticos atuantes na sociedade onde estão inseridos, oferecendo a oportunidade de ampliar o conhecimento sobre a língua, como também, melhorar a leitura, a escrita e a fala.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.
- FARACO, C. A. **Português: língua e cultura, ensino médio: 2.ª série**. Curitiba: Base, 2005.

BARRIM, J. M.; FECCHIO, M.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

PEREZ, F. C.; GARCIA, J. R. **Ensinar ou aprender a ler e escrever**. In: PEREZ, F. C.; GARCIA, J. R. (Org.). *Ensinar ou aprender a ler e escrever*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 15-27.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, W. **O Livro didático e a educação**. Disponível em: Acesso em: 28 abr. 2006.

VENTURA, M. **Hoje se ensina a ler e escrever?** In: PEREZ, F. C.; GARCIA, J. R. (Org.). *Ensinar ou aprender a ler e escrever*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 55-63.